

CLAUDE BREMOND — **Logique du recit** —, Paris, Éditions du Seuil, 1973, 350 pp.

O. A. no presente volume opera uma revisão da posição de alguns críticos em face da narrativa e em seguida apresenta algumas inovações, que merecem acurado estudo e demorada reflexão.

O livro divide-se em duas partes. Na primeira delas C.B. revê e discute a posição de Vladimir Propp, Joseph Bedier, Alan Dundes, A. J. Greimas e Tzevtan Todorov. Na segunda, o A. introduz a idéia de papéis narrativos e processo a um estudo minucioso da função das personagens ao longo da narrativa.

Se partirmos da idéia de que a crítica tradicional (Nelly Cormeau em *Physiologie du Roman*, por exemplo) deu ênfase à personagem, tudo partindo dela, desde ação até o tempo e o espaço e a crítica estruturalista que deu ênfase à ação, num sentido de causalidade (Propp em *Morphologie du Conte*, Todorov em *As Estruturas Narrativas*), afastando um pouco a personagem, a presente obra de C.B. aparece para equilibrar ambos procedimentos, falando agora em papel narrativo, valorizando, num conjunto dinâmico, a personagem e a ação, e retomando num sentido mais amplo a idéia de função que aparece em Propp e Soureau. Bremond conceitua papel como sendo: “atribuição a um sujeito-pessoa de um predicado-processo eventual, em ato, ou acabado” (p. 134).

Falando de Propp, da *Morphologie du Conte*, Bremond aceita grande parte do livro, recusando apenas a impessoalização e a generalização quando aquele crítico estabelece o processo de ação e reação. Lembra Claude Bremond a certa altura:

“Contrariamente às afirmações de princípio de Propp (mas não à sua prática), nós recusamos eliminar da estrutura da narrativa a referência às personagens. A função não é simplesmente o enunciado de uma ação (Delito, Luta, Vitória) sem agente nem paciente determinado, como se não importasse saber que o autor do delito tornou-se em seguida um dos combatentes, depois o vencedor ou o vencido dessa luta). Ao contrário, a função de uma ação não pode ser definida

senão pela. (p. 132)

personagem (p. 132).

No concernente às idéias de Greimas, especialmente do seu livro *Semântica Estrutural*, Bremond aceita a proposição dos dois níveis de análise: um “nível aparente” da narração, onde as manifestações são submetidas às substâncias lingüísticas e um “nível imanente” constituindo um tronco estrutural comum à narratividade, organizada anteriormente à manifestação, como acentua o autor, na página 82.

Comentando Tzevtan Todorov, Claude Bremond discute especialmente o estatuto do verbo, do substantivo e do adjetivo, além das relações causais e temporais. Num sentido amplo, C.B. comenta a “Gramática do Decâmeron”, de Todorov onde há uma preocupação em três direções: semântico, sintático e verbal.

Depois de repassar ainda criticamente as idéias de Alan Dundes em *A Morfologia dos Contos Folclóricos Indígenas Norte-Americanos* e Joseph Bédier, de *Les Fabliaux*, chega o A. à segunda parte do seu livro, dedicada aos papéis narrativos principais, que nos parece ser a parte fulcral de todo o livro.

No capítulo em questão, observa-se inicialmente um caráter bastante minucioso, não só no tratamento dos papéis de agente como de paciente. O A., com muita propriedade parte do conceito de papel:

“A ambição deste trabalho é, portanto, proceder ao inventário sistemático dos “papéis narrativos principais” — a atribuição a um sujeito pessoa, de predicado-processo eventual, em ato, ou acabado e por via de especificações sucessivas, se esforça por prever as determinações mais em mais particulares que este papel pode receber.” (p. 134).

A minuciosidade do autor verifica-se na determinação da modificação e conservação nos papéis de paciente, na informação, na satisfação ou insatisfação, no beneficiário e na vítima, ainda no mesmo papel. No tocante ao agente, há subdivisões: o voluntário, o voluntário eventual, voluntário em ato, involuntário, ou dos agentes que atuam na persuasão e na dissuasão, ou como informador ou dissimulador, sedutor ou intimidador, obrigador, interditor, aconselhador ou desaconselhador. Ainda aqui são discutidos aspectos como o mérito e o demérito, e a última parte do livro é dedicada aos papéis e à narrativa.

Livro que repõe a importância da personagem ao mesmo tempo que valoriza a ação, numa tentativa de equilibrar a

crítica temática com a estruturalista, na dimensão dos papéis, a leitura deste *Logique du Récit* de Claude Bremond não é só necessária como imprescindível para quem queira retomar a narrativa dentro de uma linha não apenas moderna, mas bastante válida no campo da análise e da crítica literária.

Constitui, por isso mesmo, leitura obrigatória para os teóricos da narrativa e os estudiosos do romance e do conto.

JOÃO DÉCIO